

## TOMÁS, O TOMISMO & OS TOMISTAS.

*Paulo Faitanin* – Universidade Federal Fluminense.

*Resumo:* A intenção deste artigo é expor as convergências e as divergências entre os Tomistas e o Tomismo de Tomás e mostrar que é necessário ir antes a Tomás que aos Tomistas.

*Palavras-chave:* Tomás de Aquino, Tomismo, Tomistas.

*Abstract:* The intention of this article is to explore the convergence and divergence between the Thomists and Thomism in Thomas Aquinas and to explain why it is necessary to read first Thomas Aquinas than Thomists.

*Keywords:* Thomas Aquinas, Thomism, Thomists.

### INTRODUÇÃO.

A filosofia de Tomás de Aquino foi lapidada no curto período em que ele viveu [1225-1274]. Contudo, o seu legado perdurou para além do seu século. São inúmeras as fontes de inspiração de sua filosofia. O *percurso* de formação do seu pensamento supõe as influências gregas, especialmente a do filósofo Aristóteles, influências árabes, particularmente dos filósofos Avicena e Averróis e, inclusive, judaicas, em especial, de Avicibrão e Maimônides, incluindo obviamente as latinas, como a do filósofo Boécio e, certamente, a de filosofias cristãs, como a de Santo Agostinho.

Todas as *fontes gregas* de inspiração para o Tomismo se afunilam na influência de Aristóteles, a quem o Aquinate denominou *Filósofo*. Tomás conhece as principais teorias e filósofos do pensamento grego. Muito provavelmente as conhece sob a crítica aristotélica. Não conhece de primeira mão, por exemplo, as obras de Platão, mas pelas referências do Estagirita e dos comentadores ou intérpretes das principais doutrinas platônicas, cuja influência sobre o seu pensamento é-nos hoje notória<sup>1</sup>.

Aristóteles é, por excelência, a fundamental fonte grega de inspiração do seu pensamento. Mas, *Tomás não cristianizou Aristóteles*, embora tenha sido profundo conhecedor, comentador, intérprete e divulgador do seu pensamento. Só para termos uma exata idéia disso, bastaria dizer que, talvez, sem os comentários de Tomás, Aristóteles permanecesse mudo para o

---

<sup>1</sup> D'ANCONA COSTA, C. “Historiographie du platonisme médiévale: le cas de saint Thomas”, in: *Saint Thomas au XXe siècle*. Ed. P. Serge-Thomas Bonino. Paris: Saint-Paul, 1994, pp. 198-217.

Ocidente cristão. M. Grabmann analisou e colocou em evidência a originalidade e a eficiência do método tomasiano nestes comentários<sup>2</sup>. Apesar disso, há de se notar que a filosofia de Aristóteles não é a do Aquinate, embora, como bem destacou F. Steenberghen, sua leitura sobre algumas doutrinas polêmicas aristotélicas foram muito importantes para o contexto medieval, porque desvelaram não só o valor da doutrina aristotélica, mas também uma espécie de ‘aristotelismo radical’ do Aquinate<sup>3</sup>.

Por isso, não convém, sem mais, assumir que a filosofia de Tomás seja *aristotélica* ou, como H. Meyer sustentou, que ele tenha fundado o aristotelismo cristão no medievo<sup>4</sup>. Ainda que seja uma excelente introdução ao pensamento de Tomás, J. Gredt sugere, equivocadamente, haver uma total correspondência entre ambas as filosofias, o que não é verdade<sup>5</sup>.

Tomás bebeu especialmente das fontes dos santos doutores e por tê-los profundamente venerado herdou, de certo modo, a inteligência de todos<sup>6</sup>. Santo Agostinho é seu teólogo preferido. Nenhum outro Padre da Igreja o influenciou mais do que o Bispo de Hipona. Nem por isso só o repetiu, senão também que ampliou e mesmo corrigiu e negou algumas de suas teses.

Mas isso em nada diminuiu a deferência por Agostinho. Amigo espiritual e intelectual para as principais questões filosóficas e teológicas, Tomás supera seu mestre ao menos na coroa da virgindade, pois sobre a santidade do Aquinate, Alberto da Brescia nos conta em seu testemunho para a canonização de Tomás, acerca de uma visão que Alberto Magno teve, na qual Santo Agostinho fez um elogio a Tomás: “foi igual a mim em glória, exceto que me excedeu com a auréola da virgindade”<sup>7</sup>. Ele conheceu as doutrinas dos *Padres da Igreja*, mas, também, as principais doutrinas dos pensadores do seu tempo, particularmente as do seu mestre Alberto Magno. Mas não só as sentenças deste, senão de quase todos os seus contemporâneos, embora, por exigência de respeito acadêmico, hábito da época, ele não citasse nominalmente seus contemporâneos vivos, costume nem sempre seguido por todos.

---

<sup>2</sup> GRABMANN, M. *Mittelalterliches Geistesleben*. München: Max Hueber Verlag, 1926, pp. 266-313.

<sup>3</sup> STEENBERGHEN, F.V. *Thomas Aquinas and Radical Aristotelism*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 1980.

<sup>4</sup> MEYER, H. *Thomas von Aquin*. Bonn, 1938, p. 32.

<sup>5</sup> GREDT, J. *Elementa Philosophiae Aristotelico-Thomisticae*. Volumen I. Romae: Herder, 1961, p. 5-9. (incluí um ponto).

<sup>6</sup> CAETANO, TH.V. *Commentaria in Summa Theologiae*. II II, 148, 4.

<sup>7</sup> PRÜMMER, D. e LAURENT, M.H. *Fontes vitae sancti Thomae Aquinatis*. Toulouse: Saint Maximan, 1929-1937, p. 357.

## 1. O QUE É FILOSOFIA PARA TOMÁS DE AQUINO?

Se filosofia significa *amor à sabedoria*<sup>8</sup> parece justo denominar *sabedoria do amor* à filosofia de Tomás de Aquino. É *sabedoria* porque é efetivo exercício da razão na busca da verdade<sup>9</sup> e porque não se fecha à verdade da fé e nem se exige de procurar elaborar um juízo correto acerca da verdade sobrenatural. A verdade sobrenatural revelada à inteligência não deixa o próprio intelecto indiferente ao seu conteúdo, pois o intelecto, ao se abrir à iluminação do Espírito Santo<sup>10</sup>, recebe a graça necessária para atuar segundo sua própria operação, na medida em que consegue conciliar os retos princípios da razão com o conteúdo revelado da verdade de fé, pois o dado revelado supõe, para ser aceito e compreendido, o reto uso destes mesmos princípios da razão.

Nesta perspectiva, a reta aplicação dos princípios da razão para a compreensão do que é possível de se compreender do dado de fé, promove a conciliação entre fé e razão, ao mesmo tempo em que auxilia a razão na contemplação de verdades reveladas ainda mais excelsas. É neste sentido que a razão é colocada a serviço da fé<sup>11</sup>. É *amor* porque o seu fim natural não é só conhecer a verdade natural em conciliação com a sobrenatural, mas, sobretudo, ensiná-la aos outros<sup>12</sup>, na medida em que exorta a razão, sem contradizer a verdade natural, e a conduz a contemplar o próprio Cristo, fonte da verdade e verdadeiro alimento do amor<sup>13</sup>, oferecido no sacramento da caridade<sup>14</sup>. Se amar a Cristo é amar a verdade, em qualquer lugar onde se encontre a verdade, será encontrado Cristo.

Tomás foi de Cristo, por isso foi cristão. Sendo cristão, não havia como não buscar intensamente a verdade em sua fonte. Tendo sido cristão, antes de tornar-se filósofo<sup>15</sup>, não abandonou a filosofia por ser cristão<sup>16</sup>, antes o contrário, pois com coragem verteu todos os esforços da filosofia para a compreensão do que fosse possível do dado de fé.

Neste aspecto, a doutrina filosófica do Aquinate é verdadeiramente cristã, mas não deve ser identificada como tal só por se tratar de teoria

---

<sup>8</sup> Como já afirmado acima, Filosofia significa *amor à sabedoria*, nome dado por Pitágoras: *In I Met. Lec. 3.* (tirar o ponto), n. 56 [Editio Cathala, 1915].

<sup>9</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* I, c.1, n.3.

<sup>10</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* II-II, q. 45, a. 2, c.

<sup>11</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* I, q.1, a.8, c.

<sup>12</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* II-II, q. 188, a. 6, c.

<sup>13</sup> BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, n° 2.

<sup>14</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STb.* III, q. 73, a.3, c.

<sup>15</sup> COPLESTON, F. *Thomas Aquinas*. London: Harper & Row Publishers, 1976, p. 111.

<sup>16</sup> SCHÖNBERGER, R. *Thomas von Aquin zur Einführung*. Hamburg: Junius Verlag, 2006, pp. 10-14.

desenvolvida por teólogo cristão, pois há cristãos, cujas teses desenvolvidas não são nem cristãs e muito menos sabedoria do amor. Por isso sua filosofia não é dita cristã por se originar de alguma inspiração, como a do livro do *Êxodo* 3, 14, na suposição de que a Revelação Divina como ‘Aquele que é’ fundasse toda a filosofia cristã e inaugurasse, de uma só vez, a ‘metafísica do ser’<sup>17</sup>.

É inconsistente a suposição de que a filosofia tomasiana tivesse exclusivamente o seu início na aceitação de uma verdade da fé<sup>18</sup>, uma vez que é filosofia por se tratar de especulação racional que se iniciou desde uma motivação natural da realidade e não de uma aceitação de uma verdade infusa ou de uma iluminação de alguma verdade sobrenatural. Contudo, nada impede que isso fosse possível na vida deste homem que desde a infância desenvolveu profundo trato com as Escrituras e com a lógica aristotélica. Por isso, nada impediria que houvesse desenvolvido a filosofia a partir de uma motivação sobrenatural. Não haveria problema algum se ela tivesse começado desta maneira, pois não deixaria de ser autêntica filosofia, uma vez que a aceitação da verdade revelada não eximiria a razão de exercer a sua própria tarefa e nem a impediria de investigar, tanto as verdades naturais, como também as sobrenaturais, senão que a impeliria ainda mais a procurar explicar como é possível a adequação de ambas.

Seria inconcebível não aceitar a filosofia de Santo Agostinho sob a alegação de que ela é cristã ou porque se inspira num dado de fé ou numa doutrina do Magistério. De modo semelhante, os cristãos não devem de antemão desqualificar toda e qualquer filosofia dos não cristãos, sob a alegação de que não compartilham a mesma fé ou não conheceram ou rejeitaram o dado de fé. Como não aceitar a metafísica de Aristóteles, que não conheceu a Revelação? Como não se identificar com algumas propostas metafísicas do islâmico Avicena com quem não compartilha a mesma fé em essência? Como se afastar das exposições do judeu Maimônides acerca da unicidade divina? Como recusar, nos dias de hoje, as verdades que são encontradas na própria filosofia de quem nunca aceitou a fé.

A crítica de Marx ao capitalismo radical, embora justa sob muitos aspectos, não justificou a elaboração de um método dialético materialista opressor e revolucionário, totalmente excludente de quaisquer outras dimensões do homem, como religião. De fato, o capitalismo cego resulta nesta enfermidade patente pós-moderna que é o consumismo. Contudo, não

---

<sup>17</sup> GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Deuxième édition revue. Paris: Vrin, 1989, pp. 46, nota 1 e p. 50.

<sup>18</sup> RUSSELL, B. *The History of Western Philosophy*. London: George Allen & Unwin, 1946, pp. 484-485.

se combate e se procura a cura de uma enfermidade causada por um vírus, produzindo e inoculando um vírus ainda mais letal. Em síntese, a oposição extremista ao idealismo gerou outro extremismo ainda mais dilacerador, o materialismo, sob uma forma sócio-política e econômica cega, que reduz o homem a um feixe de matéria subordinado ao opressor movimento dialético da história.

O mesmo poder-se-ia dizer de Nietzsche. Será que não há nenhuma verdade proferida por Nietzsche? Mesmo em suas críticas contra o fanatismo religioso, especialmente contra aquele do seu tempo e do qual teve conhecimento de causa por razão de sua própria vivência em meio a uma experiência religiosa protestante fanática, podemos encontrar, ainda que muito poucos elementos positivos que contextualizados em sua época, motivaram-no, embora injustamente, a generalizar que toda experiência religiosa existente fosse fanática, promovendo não só a intolerância religiosa, mas também a acepção de pessoas, que resultaria numa fonte de inspiração nazista. Sabemos que tudo isso levou Nietzsche equivocadamente a anunciar, de um só revés, a supremacia da vontade humana e a ‘morte’ de Deus.

Cabe ressaltar que a importância destes autores e de outros, como Freud, para os posteriores movimentos contemporâneos não justificaria afirmar, sem mais, que se Tomás vivesse hoje comentaria as obras de Marx ou Freud, como comentou as de Aristóteles e de outros em seu tempo, como afirma Umberto Eco<sup>19</sup>, sob a alegação de que ambos em nossos dias teriam maior importância que o pensamento de Aristóteles. Isso é uma falácia, pois, em primeiro lugar o que corrobora a força de um pensamento não é a época em que ele se encontra, mas a força do que professa, sua verdade que cruza o tempo para além de uma época. Tomás, talvez, com maior vigor comentasse e redescobrisse a força do pensamento de Aristóteles em nossos dias, não no que se reduza à ciência do tempo, mas ao que se refere à verdade que a ela transcenda, justamente ao se deparar com a inegável contingência de algumas teorias filosóficas, políticas e científicas professadas por certos autores em nosso tempo que se encontram quase totalmente enraizadas e presas ao contexto do tempo em que foram produzidas. Cometem o erro de eternizarem o temporal e de negarem o eterno.

O verdadeiro espírito filosófico supõe a superação destes preconceitos, pois a busca da sabedoria independe da aceitação ou não da verdade revelada, dado que se trata de um desejo natural do homem, embora sua aceitação seja um impulso a mais para esta procura, porque não só capacita como também dispõe a razão a buscá-la, para além dos seus limites. Não sem motivo

---

<sup>19</sup> ECO, U. “Elogio de Santo Tomás”, in *Viagem na irrealidade cotidiana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 342.

Agostinho e Tomás nos ensinaram que a graça divina dada ao homem supõe a existência de algo em sua natureza capaz de recebê-la e de ser aperfeiçoada com o que recebe.

Deus não se daria a conhecer pela graça se não existisse no homem uma capacidade de recebê-la, apreendê-la e aceitá-la. Se só bastasse a fé para que o homem possuísse a sabedoria natural e nada lhe fosse exigido da sua razão, não haveria como explicar como homens sem fé são capazes de alcançar alguma verdade natural que o homem de fé não alcançou. Do mesmo modo, se só fosse suficiente a razão para aquisição da sabedoria não haveria motivo para que homens sem a profissão de uma fé procurassem, para além da natureza das coisas materiais e de suas causas, alguma explicação transcendental e causal para tudo o que existe. Mas não foi isso que muitas filosofias pagãs propuseram?

Portanto, a fé não exige ao homem a estagnação do uso reto da sua razão, senão todo o contrário, pois a incita a buscar mais profundamente a sondagem das causas que transcendem as causas naturais das realidades materiais. A fé abre a mente e se acaso a fechasse ou seria porque não é uma fé verdadeira, mas uma convicção humana cega ou porque a razão mesma estaria sendo usada de modo inadequado.

Teriam sido vão todos os esforços naturais da razão daqueles homens que, sem conhecerem ou aderirem a fé, alcançaram algo da verdade natural por meio da sabedoria racional. Do mesmo modo, seriam dramáticas as conseqüências de uma ideologia pagã ou atéia que totalmente eliminasse qualquer possibilidade de que exista verdade na filosofia dos que professam uma fé. Se fosse assim, não haveria nunca a possibilidade de diálogo entre tais homens e, do mesmo modo, aparentemente seria logicamente impossível sob este prisma que um pagão ou ateu se convertesse, ou que alguém que antes professasse a fé se tornasse seu maior opositor.

Mas não há ambos os exemplos? Acaso é necessário a priori que um cientista seja ateu? Claro que não. Há exemplos notáveis na história recente da humanidade, pois mesmo as verdades científicas podem levar alguém a aderir e confirmar a sua fé<sup>20</sup>. Logo, de antemão, a razão pagã ou atéia não se opõe ou contradiz substancialmente à verdade de fé e nem a verdade de fé se opõe ou contradiz ou limita a verdade que natural e retamente a razão possa alcançar. Resumindo, do mesmo modo que se pode perder a fé mediante a carência e distorção da verdade natural, se pode aderi-la mediante a busca e conquista de verdade natural. Por isso, a perda da fé se dá muito mais por motivo de inadequada conciliação entre a verdade da razão com a da fé do que por outra

---

<sup>20</sup> COLLINS, F.S. *The Language of God. A scientist presents evidence for belief*. New York: Free Press, 2006.

coisa. Enfim, não procede dizer que a verdade revelada exime a razão de sua própria tarefa.

Porque Tomás procurou conciliar ambas as verdades sem eximir o esforço natural da razão, do exposto, podemos dizer que a proposta de Tomás é uma *autêntica* filosofia, principalmente, por ser *racional*, não por ser cristã, pois o que importa para uma filosofia é que ela busque as causas últimas, professe sua verdade e seja ela mesma coerente e verdadeira<sup>21</sup>. Por isso, sua doutrina não deixa de ser filosofia por conciliar razão e fé e nem deixa de ser cristã por partir de legítimos esforços racionais. Ocorre, pois, um duplo enriquecimento nesta proposta doutrinária, a saber: da fé, que se manifesta enriquecedora nos homens que pela razão e ação a professam com atos, esclarecimentos e demonstrações dos preâmbulos da fé pelas verdades da razão. Coisas necessárias, sobretudo, para aqueles que não tendo um pleno domínio da racionalidade se sentem ainda assim chamados à adesão da fé, mas que tenham ainda dificuldades de conciliar o que crêem com o que entendem, justamente por causa dos limites que lhes impuseram falsas propostas doutrinárias. Da razão, que se enriquece com a iluminação das verdades de fé, a qual, sem contrariar as da razão, amplia os horizontes da sua investigação.

A partir desta perspectiva, parece uma posição muito mais cômoda da razão não tentar buscar tal conciliação do que a de procurar a efetiva harmonia, pois exigirá uma constante e atenta pesquisa e diálogo com muitos setores do pensamento humano para saber se é conciliável o domínio da razão com o da fé. Por isso, os homens de fé em suas pesquisas, que não pararam com o comodismo da razão, muito contribuíram para o próprio desenvolvimento da ciência. Trata-se de um sofisma, portanto, sustentar que o Cristianismo petrificou a ciência ou que não deu nenhuma contribuição sequer ao progresso da filosofia, nem mesmo com Tomás de Aquino<sup>22</sup>.

É oportuno mostrar aqui o contrário! E se possível ainda desfazer, dentro das nossas possibilidades, estas confusões. Igualmente é importante evidenciar que nesta relação de razão e fé, a maior beneficiada é a própria razão, porque amplia os horizontes da sua própria especulação, sem que se limite ou se autodestrua ao buscar uma adequação entre o natural e o sobrenatural, especialmente, pelo caminho anunciado por Cristo no Evangelho. Ampliada em seus horizontes, esta filosofia não se prende ao espaço ou ao tempo.

Neste sentido, a filosofia tomasiana é *atual* porque sua proposta não se limitou às questões próprias do medievo, mas àquelas inerentes aos anseios do

---

<sup>21</sup> MARITAIN, J. *De la philosophie chrétienne*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1945, pp. 42-43.

<sup>22</sup> BREHIER, E. “Y a-t-il une philosophie chrétienne?”, *Revue de Métaphysique et de Morale*, (1931), p. 162.

homem de qualquer período histórico. E mediante esta compreensão, sua filosofia não é ‘medieval’, embora seja elaborada nas circunstâncias daquela época. Por pertencer a todo tempo, diz-se que sua filosofia é *perene*, embora não seja *eterna* no sentido pleno de não estar em nada sujeita aos assuntos temporais, porque sabemos que ela também considera as questões humanas pertinentes ao tempo.

Diz-se *perene* simplesmente porque não se *enclausura* nas conjunturas de um único tempo, porque se abre aos temas mais intrínsecos do homem de qualquer tempo. Este abandono dos limites temporais permite a tal filosofia apresentar, em sua essência, uma dinâmica própria que a coloca num constante *diálogo* com as verdades de quaisquer épocas. Por isso, não nos surpreende que no último século a quantidade de estudos sobre a sua filosofia em diálogo com diversos temas do saber e da filosofia contemporâneas supere a de estudos sobre a sua teologia<sup>23</sup>.

Irredutível aos sistemas passados, permanece aberta ao futuro. Deste ponto de vista, trata-se efetivamente de uma doutrina *aberta*, mas uma abertura que não significa carência de *identidade*, pois ela se funda em princípios sólidos que determinam seu rumo, numa *constante busca da verdade*. Sem ser *eclética* em seu sentido pejorativo, esta *abertura* é crítica e dela resulta a assimilação do melhor de outras doutrinas no seu sistema<sup>24</sup>. Esta *assimilação crítica* da verdade possibilitou Tomás desenvolver uma atitude intelectual, cujo ápice é a *contemplação*, que consiste na compreensão da verdade mais excelsa<sup>25</sup>.

A este modo de pensar e fazer filosofia deu-se tradicionalmente o nome *Tomismo*, embora esta palavra sirva amplamente para designar a síntese *filosófico-teológica* de Tomás<sup>26</sup>. Foram muitos os que seguiram o Tomismo ao longo dos séculos. A coerência de seu sistema filosófico causou muitas *influências* e promoveu a formação da assim denominada *Escola tomista*<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> Isso se confirma se folharmos alguns repertórios bibliográficos: MANDONNET, P. *Bibliographie Thomiste*. Paris: Vrin, 1960, que abarca a produção de 1880-1920. Estudos teológicos, 62-78; BOURKE, V.J. *Thomistic Bibliography*. 1920-1940. St. Louis, Missouri: The Modern Schoolman, 1945, 175-246; MIETHE, T.L. *Thomistic Bibliography*, 1940-1978. Westport: Greenwood Press, 1980, 186-233; INGARDIA, R. *Thomas Aquinas. International Bibliography*. 1977-1990. Ohio: The Philosophy Documentation Center, 1990.

<sup>24</sup> CORREIA DE BARROS, M. *Filosofia Tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966, p. 72.

<sup>25</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*. II-II, q. 180, a. 3, ad 1.

<sup>26</sup> CESSARIO, R. *A short history of Thomism*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2005, p. 1-2.

<sup>27</sup> Desenvolveu-se em quatro períodos compreendidos entre os séculos XIII e XXI: 1ª. Etapa – ‘clássico’ [séculos XIII-XV] – atitude [*defesa*] – expoentes [Egidio Romano, 1243-1316; Tomás de Sutton 1300]; 2ª. Etapa – ‘pós-clássica’ [séculos XV-XVI] – atitude [*comentar*] – expoentes [Francisco Ferrariense 1474-1528; Tomás de Vio Caetano, 1469-1534]; 3ª. Etapa – ‘moderno’, [séculos XVI-XVIII] – atitude [*expor*] – expoente [João de

constituída por tomistas que, em suas respectivas épocas, beberam do Tomismo, fazendo dele um pensamento vivo, capaz de fazer emergir *o novo do antigo* e de responder às mais novas questões, a partir das mais antigas doutrinas.

Ao procederem assim, não se distinguiram de Tomás, pois ele fazia justamente isso em seu tempo, ao propor novas respostas aos antigos problemas, bebendo das fontes antigas, na medida em que as relacionava com as do seu tempo, procurando nutrir-se de ambas as verdades para não só responder às mais importantes questões da sua época, mas também as que envolviam a eternidade do homem. O *Tomismo* é o pensamento filosófico e teológico de Tomás. Contudo, esta nomenclatura é tomada equivocadamente para significar, às vezes, só a sua filosofia, a doutrina de quem segue integral ou parcialmente os ensinamentos de Tomás, ou mesmo, ao pensamento daqueles que expõem as teses da filosofia e teologia de Tomás de Aquino.

Convencionou-se denominar *tomista* aquele que toma Tomás por mestre e segue o Tomismo<sup>28</sup>. Os tomistas são principalmente, mas não exclusivamente, pertencentes à Ordem de São Domingos, embora muitos tomistas não fossem dominicanos e sequer religiosos e que, inclusive, mais recentemente, o número de tomistas leigos supere o de tomistas religiosos<sup>29</sup>. Em resumo, a base da filosofia tomasiana entendida como *sabedoria do amor* está na síntese que ele prioritariamente estabeleceu entre fé e razão.

### 3. TOMÁS, O TOMISMO E OS TOMISTAS.

Considerando a riqueza do ‘Tomismo’, os *tomistas* podem, por causa deste exemplo original de assimilação, torná-lo ainda mais rico, vivo e próximo dos principais temas da atualidade, podendo inclusive promover *conversões* de algumas doutrinas atuais aos princípios metafísicos do Tomismo. Não obstante, por isso mesmo, ele pode também apresentar variadas *versões*, inclusive algumas *subversões* e *inversões*, quando se apresentam contrárias à própria doutrina tomasiana. É bem verdade que por conta desta ‘renovação’ do Tomismo, alguns ‘tomistas’ não acertaram ao afirmar que talvez a

---

Santo Tomás, 1589-1644]; 4ª. Etapa – ‘neotomismo’ [séculos XIX-XXI] – atitude [*retornar*] – expoentes [Leão XIII, 1879; Garrigou-Lagrange, 1877-1964; Maritain, 1882-1973; Gilson, 1884-1978; Fabro, 1911-1995; Grabmann, 1875-1949; Derisi, 1907-2002; Pieper, 1904-1997; e, especialmente, Papa João Paulo II, 1920-2005 que com a encíclica *Fides et Ratio* de 14 de Setembro de 1998, inaugurou uma nova etapa do Tomismo para o terceiro milênio que se iniciava.

<sup>28</sup> BONINO, S.-Th. “Être Thomiste”, em: *Thomistes*. Toulouse: Parole et Silence, 2003, p. 15.

<sup>29</sup> KENNEDY, L.A. *A Catalogue of Thomists, 1270-1900*. Houston: Center for Thomistic Studies, 1987, p. 14.

diversidade de ‘Tomismos’ encontre sua primeira fonte na própria ambigüidade dos textos tomasianos<sup>30</sup>. Parece-nos indevida a alegação de que a inadequação do Tomismo com outras doutrinas diz respeito antes aos equívocos do mestre que dos seus discípulos ou das outras doutrinas. É óbvio que Tomás não sabia toda verdade, nem ensinou toda a que sabia, não foi igualmente entendido em tudo o que ensinou<sup>31</sup> e nem mesmo teve em muita conta tudo o que sabia, porque a sabedoria que possuía a considerou como *palha*<sup>32</sup>.

Contudo, Tomás ainda é o melhor intérprete de sua doutrina<sup>33</sup>. Os tomistas não só podem, mas devem atualizar as teses do Tomismo<sup>34</sup>, sobretudo, aquelas que estivessem superadas por estarem sujeitas às afirmações científicas do seu tempo. Contudo, convém que façam isso com o intuito de renovar a aplicação dos seus princípios metafísicos às questões científicas dos nossos dias, sem, no entanto, contradizê-los.

Devem cuidar para não corromper o próprio Tomismo com as suas tentativas, nem lhe atribuir erros que possam emergir da aplicação indevida dos seus princípios a alguns temas atuais. E se acaso ocorresse isso, provavelmente, o erro não seria dos princípios do Tomismo e, em alguns casos, nem mesmo das doutrinas contemporâneas, mas possivelmente do mau uso e aplicação de uns aos outros. Mas os princípios metafísicos não se restringem com as vicissitudes dos tempos, como o fazem os da ciência e os

---

<sup>30</sup> PROUVOST, G. *Thomas d'Aquin et les thomismes*. Paris: Cerf, 1996, p. 17.

<sup>31</sup> Alguns temas polêmicos tirados dos seus respectivos contextos não foram bem entendidos: *a pena de morte* (Tomás não a defendeu em qualquer contexto, senão na de um Estado cristão, onde se procura observar antes a justiça divina que a humana); *a individuação da alma humana* (a matéria é o princípio de individuação da alma, não que a alma seja material, mas no sentido de que ela retém em si mesma a individualidade que lhe causa a matéria de seu corpo); *a noção de matéria primeira* (a matéria não é pura potência por não possuir nenhum ato em sua origem, mas no sentido de que era apta a ser sujeito de toda geração substancial); *a teoria da animação tardia* (metafisicamente falando a alma não é criada senão simultânea à disposição do corpo, embora não conviesse explicar em seu tempo esta doutrina fora da autoridade da biologia aristotélica que transpunha o aparecimento da alma semanas depois da fecundação) e *a doutrina da concepção de Maria* (Tomás não negou simploriamente a concepção imaculada de Maria, embora visse na exposição de sua doutrina dificuldades para coaduná-la adequadamente com a doutrina paulina do benefício da ressurreição de Cristo estendido a todos e com a biologia do seu tempo).

<sup>32</sup> TOCCO, G. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin. Traduction par Claire Le Brun-Gouanvic*. Paris: Cerf, 2005, p. 103.

<sup>33</sup> ALARCÓN, E. “Una cuestión de método: consideraciones previas a la interpretación de Sto. Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n.º.1, (2005), 200-213.

<sup>34</sup> Sobre as teses do Tomismo, ver: HUGON, E. *Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino*. As vinte e quatro teses fundamentais. Trad. O. Moura, OSB. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

das muitas filosofias contemporâneas, pois naquilo que independem da ciência, são em si mesmos evidentes, claros e válidos para qualquer demonstração, de qualquer doutrina, em qualquer época.

Por conseguinte, só o mau uso da aplicação de tais princípios poderia gerar erros na utilização do Tomismo com relação às doutrinas pós-modernas. Tomás sempre teve muito cuidado ao expô-los, embora não se possa dizer o mesmo dos seus intérpretes. Toda evidência destes princípios e a clareza como foram expostos pelo Aquinate favoreceriam muito pouco sua aprendizagem se o discípulo não desenvolvesse criteriosamente o hábito do seu reto uso, porque embora tais princípios sejam evidentes em si mesmos, a razão deve adquirir a virtude para aplicá-los com adequação às principais questões, sejam elas científicas e filosóficas ou teológicas. Com relação a tais princípios, os tomistas não têm de atualizar nada. As tentativas de atualizá-los ao conciliá-los inadequadamente com os de outras filosofias geraram alguns *conflitos hermenêuticos*, causando assim diversas *versões* do Tomismo.

Não se justifica a possibilidade de se ir da *unidade* do sistema tomasiano à *pluralidade* dos Tomismos, apenas por haver uma ou diversas doutrinas que assimilem um ou outro elemento do Tomismo<sup>35</sup>. Para que estas versões não se oponham entre si e nem à doutrina *tomasiana*, que é o pensamento original do autor<sup>36</sup>, sua ‘atualização’ deve sempre supor a manutenção do que lhe é essencial<sup>37</sup>, a saber, o próprio ‘Tomismo’ de Tomás, que não é algo *crystalizado*, pois a sua essência se estrutura sob sólidos princípios que possibilitam a razão a ir além dos seus limitados horizontes, ao buscar a máxima conciliação entre os seus princípios e os da fé<sup>38</sup>, cuja adequação auxilia a responder, com originalidade, os novos desafios que afloram<sup>39</sup>. Só assim é possível o ‘Tomismo’ dos tomistas<sup>40</sup>.

A *filosofia* é apenas uma vertente do Tomismo, que constitui uma fonte de sabedoria que se funda na capacidade natural da razão. Sua finalidade é conhecer a *verdade*, por meio do reto uso dos princípios da razão. Para tanto, não leva em conta onde ela possa ser encontrada, se na fonte divina ou humana, ou quem a pode ter manifestado<sup>41</sup>, se cristão ou pagão. Para Tomás isso não importa, pois toda verdade, dita por quem quer que seja, provém do

<sup>35</sup> Ver: MCCOOL, G.A. *From Unity to Pluralism. The Internal Evolution of Thomism*. New York: Furdham University Press, 2002, pp. 11 e 31.

<sup>36</sup> BERGER, D. *Thomismus*. Köln: Editiones Thomisticae, 2001, pp. 21-24.

<sup>37</sup> PIEPER, J. *Introducción a Tomás de Aquino*. Edición por Ramón Cercos. Madrid: Rialp, 2005, pp. 164-178.

<sup>38</sup> LEÃO XIII, *Aeterni Patris*, Parte III, nn. 21-27.

<sup>39</sup> JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, c. IV, n° 43.

<sup>40</sup> SPIAZZI, R. *Il Pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bologna: Esd, 1997, pp. 63-70.

<sup>41</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De modo studendi*.

Espírito Santo<sup>42</sup>. Por isso, Tomás nunca rejeitou nenhuma doutrina em sua totalidade. Sempre encontrou algo que enriquecesse a sua.

Adotou esta postura porque sabia que a contribuição dum só homem, pelo seu trabalho e pelo seu gênio, para o progresso da verdade é pouco se comparado com os esforços de muitos filósofos e com o conjunto da ciência, pois de todos esses elementos coordenados, escolhidos e reunidos, alguma coisa de grande se pode fazer<sup>43</sup>. Tomás não foi ingênuo com relação à investigação da verdade, pois se a razão a almeja e se Cristo é revelado como a sua fonte<sup>44</sup>, sua filosofia não poderia descartar buscar ambas através de uma verificação que incluísse a contemplação dos mistérios de Cristo. Por isso pôs suas doutrinas metafísicas não só a serviço da teologia, mas também da mística. Atento a isso, J. Maritain não hesitou em relacioná-las entre si, ao dizer que a metafísica aspira de certo modo à experiência mística<sup>45</sup>.

Se Tomás é mestre de *espiritualidade*<sup>46</sup>, sua filosofia não poderia alhear-se à dimensão *contemplativa* e *mística* e é justamente isso que nos revela o brilho de sua santidade, só efetivamente compreensível a partir desta lucidez<sup>47</sup>. Sua pesquisa teológica, como a da natureza humana de Cristo, trouxe benefícios para a compreensão do *valor da pessoa humana*. O título a ele recentemente atribuído de ‘Doutor da Humanidade’<sup>48</sup> é simplesmente uma consequência desta promoção da dignidade humana. Nesta perspectiva, sua doutrina é ‘Luz da Igreja’, porque aproximou Deus, o homem e a ciência.

Sabidamente o *Magistério da Igreja* reconheceu-lhe como caminho seguro para os que almejam alcançar a verdade<sup>49</sup>. Não parecem ter acertado os que sustentam que Tomás foi vítima de ‘preconceito a favor’, por conta do que afirmaram os documentos oficiais da Igreja sobre o seu pensamento, ao proporem uniformizar sua doutrina como uma carapaça<sup>50</sup>, dando a entender que o Tomismo fosse um produto do Catolicismo. Não se nega o paradoxo que este reconhecimento lhe causou, pois se nos meios católicos se incorreu à

---

<sup>42</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q. 109, a. 1, ad 1.

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Met.* Lec. 1., n. 276.

<sup>44</sup> BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 12.

<sup>45</sup> MARITAIN, J. *Distinguer pour unir ou les degrés du savoir*. 4e. edition. Paris: Desclée de Brouwer, 1947, p. 561.

<sup>46</sup> TORRELL, J.-P. *Saint Thomas d'Aquin, maître spirituel*. Fribourg: Cerf, 1996, p. v-vi.

<sup>47</sup> BERGER, D. *Thomas Aquinas & The Liturgy*. Florida: Sapientia Press of Ave Maria University, 2005, p. 11.

<sup>48</sup> JOÃO PAULO II, *Inter Munera Academicarum*, n. 4.

<sup>49</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Optatam totius*, n° 16 e a Declaração *Gravissimum educationis*, n° 10.

<sup>50</sup> NASCIMENTO, C.A.R. *Santo Tomás de Aquino. O Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: Educ, 2003, p. 96.

sua apologia, nem sempre de um modo adequado, nos meios não católicos imperou a desconfiança, por preconceberem não se tratar de autêntica filosofia, mas de religião<sup>51</sup>.

Parece-nos que este preconceito não se deveu à ação do Magistério, mas à *negligência* daqueles que, tendo sido exortados a conhecer e aplicar a verdade de fé conciliada com a da razão em suas doutrinas, na medida em que se inspirassem no modelo tomasiano, não seguiram nem o modelo do Aquinate, nem a exortação dos referidos documentos, senão que, naquilo em que se empenhou Tomás, propuseram justamente o contrário, falhando especialmente no conhecimento da verdade, seja porque procuraram substituí-la, reduzi-la ou mesmo negá-la sob a alegação de que é pensamento ultrapassado.

Mas, para além do referido preconceito, o Magistério o reconheceu como autêntico defensor da verdade. Se fosse correto que o Magistério tivesse criado tal ‘carapaça’ preconceituosa, como explicar o significativo aumento de estudos do Tomismo ao longo do século passado em diferentes vertentes e também entre aqueles que não seguem este mesmo Magistério e mesmo assim defendem o Tomismo simplesmente pela força da sua argumentação? Segue-se que o problema não foi a ação do Magistério, mas seguramente o preconceito dos que alegam o preconceito a favor.

Dado o fato de que a filosofia tomasiana impressiona pela criteriosa busca da verdade, não sem justiça ele também foi considerado ‘Apóstolo da verdade’<sup>52</sup>, pois incessantemente buscou conciliar a verdade da razão com a de fé, independente dos preconceitos a favor ou contra. Por isso, para igualmente penetrar em seu pensamento é necessário previamente abandonar os pré-juízos promovidos pela cultura moderna frente à cultura medieval como um todo<sup>53</sup> e especificamente contra o Tomismo, em certos meios, sejam eles laicos ou religiosos.

Tomás foi *teólogo*<sup>54</sup>, mas tornou-se mais conhecido no último século por causa da sua filosofia<sup>55</sup>, cujas principais partes têm sido objeto de estudos<sup>56</sup>, o que mostra ainda hoje a *vivacidade* do seu pensamento. Não desejou ser, senão teólogo, mas tornou-se um grande filósofo, sendo indistintamente ambos, um

<sup>51</sup> SILVEIRA DA COSTA, J. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 77.

<sup>52</sup> PAULO VI, *Lumen Ecclesiae*, n° 10; JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, c.IV, n° 44.

<sup>53</sup> MONDIN, B. *Il Sistema Filosofico di Tommaso d’Aquino*. Milano: Massimo, 1992, p. 9.

<sup>54</sup> CHENU, M.-D. *St. Thomas d’Aquin et la théologie*. Paris: Seuil, 2005, p. 32.

<sup>55</sup> FAITANIN, P. “A análise estatística dos dados da produção bibliográfica tomista...”, *Aquinate*, n° 5, (2007), 71-90.

<sup>56</sup> FAITANIN, P. “Versões da teoria do conhecimento de Tomás de Aquino: Os conflitos hermenêuticos no século XX”, *Aquinate*, n° 6, (2008), 99-111.

verdadeiro *scholar*<sup>57</sup>, no mais pleno sentido da palavra<sup>58</sup>, cuja conciliação exprime bem o espírito de sua filosofia cristã<sup>59</sup>, embora subordinasse a filosofia à teologia, sem contrapor a verdade de uma com a de outra. Sua obra sistemática<sup>60</sup> expressa uma filosofia que apesar de não querer inovar, instituir ou criar um sistema, desenvolveu um método próprio de filosofar sobre a verdade das coisas e acabou revolucionando a investigação filosófica ao frisar que a finalidade da filosofia não é saber o que os homens pensaram, mas qual é a verdade das coisas<sup>61</sup>.

Disse o melhor que pôde e soube acerca do que são as coisas na realidade e se alguém já o tinha dito antes dele, isso não era motivo para não o repetir e, se ninguém o tinha dito ainda, isso não era motivo para ele não o dizer, por isso não fazia obra pessoal, mas objetiva e alicerçada no real<sup>62</sup>. Tomás considera que o estudo da filosofia é em si mesmo lícito e louvável, por causa da verdade que os filósofos buscam e acabam por descobri-la em Deus<sup>63</sup>. De fato, a verdade que a razão perscruta lhe é natural e a sua investigação convém à filosofia. Mesmo pela razão podem se alcançar as verdades referentes às realidades divinas inteligíveis, possíveis de serem investigadas pela razão humana<sup>64</sup>.

---

<sup>57</sup> GRABMANN, M. *Thomas Aquinas: His Personality and Thought*. New York: Longmans, 1928, p. 28.

<sup>58</sup> DAVIES, B. *The Thought of Thomas Aquinas*. New York: Oxford University Press, 1993, pp. 10-14.

<sup>59</sup> GILSON, E. *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris: Vrin, 1989, p. 5.

<sup>60</sup> MARTIN, C. *The Philosophy of Thomas Aquinas. Introductory readings*. New York: Routledge, 1988, pp 5-7.

<sup>61</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I De caelo*, Lec.22.

<sup>62</sup> CORREIA DE BARROS, M. *Filosofia Tomista*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1966, p. 46.

<sup>63</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*. II-II, q.167, a.1, ad3.

<sup>64</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *CG*. I, c.4.